

JOÃO LUÍS CARDOSO

---

A PRESENÇA ORIENTAL  
NO POVOAMENTO DA I IDADE DO FERRO  
NA REGIÃO RIBEIRINHA DO ESTUÁRIO DO TEJO

INSTITUTO ORIENTAL  
LISBOA • 1990

Separata do livro *Estudos Orientais*  
I — Presenças Orientalizantes em Portugal  
Da Pré-História ao Período Romano

# A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do Estuário do Tejo

---

por João Luís Cardoso \*

**Résumé :** Sont présentées les conclusions les plus importantes fournies par l'étude des trois stations jusqu'à présent fouillées dans le territoire riverain de l'estuaire du Tage. Il s'agit de l'important site d'Almaraz (Almada), daté du VII<sup>ème</sup> siècle av. J.-C. de caractéristiques commerciales, avec plats d'engobe rouge phéniciens et de deux autres, essentiellement agricoles, du V<sup>ème</sup> siècle av. J.-C. où les éléments importés sont absents, situés dans les fertiles pentes volcaniques, au nord de l'estuaire.

No decurso do Bronze Final, a região adjacente à margem norte do Estuário do Tejo, encontrava-se ocupada de forma dispersa mas densa por numerosas pequenas unidades de carácter agrícola (Marques e Andrade 1974).

A jazida até agora melhor conhecida é a da Tapada da Ajuda (Lisboa), cuja escavação foi dirigida pelo signatário (Cardoso et al. 1980-81; Cardoso et al. 1986). Condições particularmente favoráveis de solo, clima e relevo, convidavam à exploração intensiva e extensiva da terra, complementada pela criação de gado (bovino, suíno e ovi-caprino), pela recolocção de moluscos no estuário e, muito secundariamente, pela caça. A vida decorria, pois, de forma sedentária e pacífica.

---

\* Coordenador Científico do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Colaborador permanente do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

Estas populações dependeriam, eventualmente, de um centro político-militar onde se instalaria a classe dirigente e a partir do qual administraria um determinado território. Sociedade já fortemente hierarquizada, o modelo de «chefaturas» parece adequar-se às evidências recolhidas, possuindo, na mesma época, paralelos na região baixo-alentejana (Silva e Soares 1979; Parreira 1983).

Na margem sul do estuário, de solos mais pobres, a ocupação do território parece não ter sido tão intensa, embora os escassos vestígios recolhidos documentem estratégia semelhante.

É sobre este «fundo cultural», prolongado na última fase do Bronze Final (período proto-orientalizante da Andaluzia) pelo aparecimento da «cerâmica de retícula brunida» — de que não se recolheram quaisquer testemunhos na Tapada da Ajuda, apesar dos milhares de fragmentos compulsados — que se irão fazer sentir os primeiros efeitos dos contactos com o mundo fenício (período orientalizante antigo da Andaluzia).

Na região que nos interessa, tais contactos consubstanciaram-se, em primeiro lugar, pelos elementos até agora disponíveis, na margem sul. O povoado da Quinta do Almaraz, sobranceiro ao Tejo e a Almada (FIG. 1), já existente desde o Bronze Final (desconhece-se se em continuidade) é agora, provavelmente, fortificado por muralha de blocos aparelhados (FIG. 2), ao mesmo tempo que a área ocupada se contrai (Barros 1989). Tal situação tem paralelo nalguns estabelecimentos fenícios, também fortificados, como Toscanos (Schubart 1982); e tal como ali, o porto poderia situar-se em uma pequena enseada, a Este, junto a Cacilhas. Além disso, a sua situação geomorfológica é análoga à que teria o estabelecimento identificado na área urbana da cidade de Setúbal (Soares e Silva 1986; Silva e Soares 1986) e à do Castelo de Alcácer do Sal (Silva et al. 1980-81), bem como a várias colónias fenícias da costa sul da Península (Chorreras, Morro de Mezquitilla); da mesma forma, a altitude a que está situada é semelhante à daquelas, apenas Morro de Mezquitilla se desenvolve a 12 m acima do nível do mar. A menor área ocupada pela Quinta do Almaraz (1,2 ha), por comparação com as das colónias fenícias referidas (Schubart 1982; Aubet-Semmler 1988), pode, em parte, explicar-se, pelo intenso recuo da arriba voltada para o Tejo, como provam os abundantes materiais ali encontrados em estratigrafia (FIG. 3).

Os materiais recolhidos, totalizando cerca de 8000 fragmentos, apresentam-se, esmagadoramente, feitos ao torno rápido (90 %). Destes, apenas uma ínfima parte pode ser considerada de importação fenícia, particularmente certos pratos de verniz vermelho. Um deles, indica, pela tipologia do bordo cronologia *ca.* 600 anos a.C. (FIG. 4 e FIG. 5, n.º 2). Trata-se de época com-



FIG. 1. Quinta do Almaraz (Almada). Ao fundo, o Estuário do Tejo. (Foto Museu Municipal de Almada)



FIG. 2. Quinta do Almaraz (Almada). Vestígios de possíveis muralhas. (Foto Museu Municipal de Almada)



FIG. 3. Quinta do Almaraz (Almada). Fragmentos cerâmicos *in situ* na orla da arriba, evidenciando o recuo desta, por erosão. (Foto Museu Municipal de Almada).



FIG. 4. Quinta do Almaraz (Almada). Prato de verniz vermelho *in situ*. (Foto Museu Municipal de Almada)

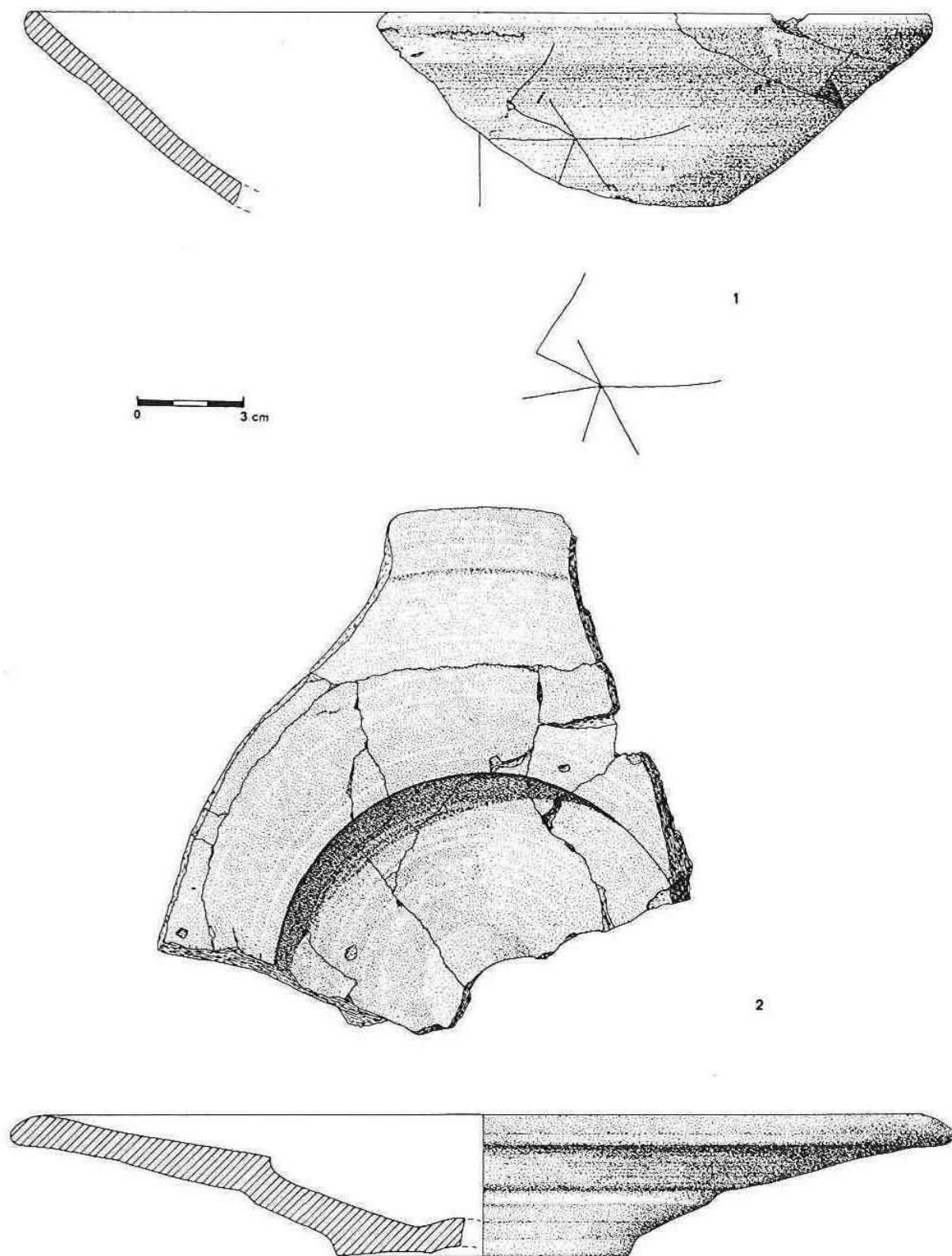


FIG. 5. Quinta do Almaraz (Almada). 1 Taça de cerâmica cinzenta, com grafito, de imitação fenícia (M.M.A., n.º 4245). 2 Prato de verniz vermelho, de fabrico fenício (M.M.A., n.º 4240), o mesmo representado na Fig. 4. (Desenhos de B.L. FERREIRA)

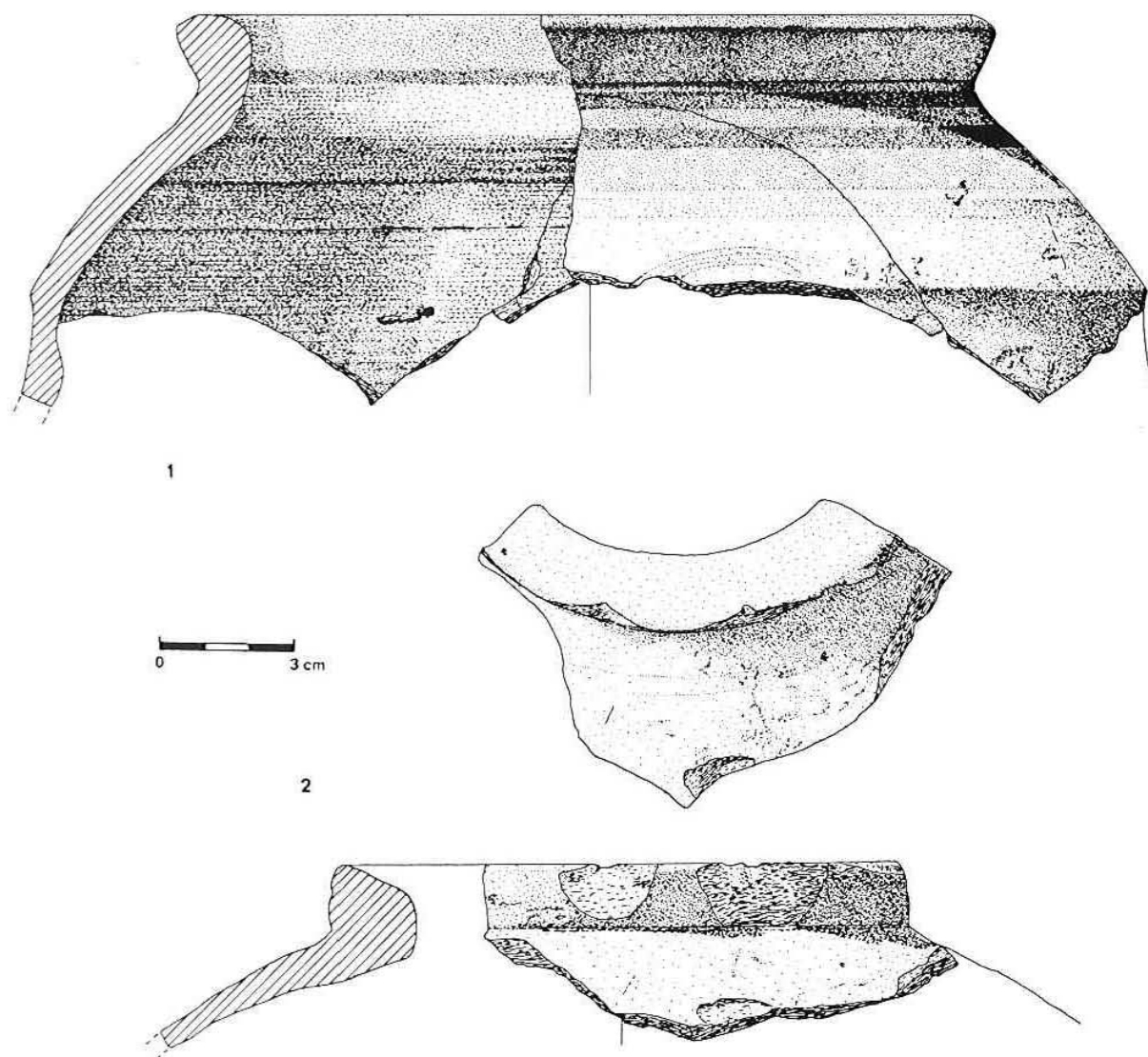


FIG. 6. Quinta do Almaraz (Almada). 1 Vaso com decoração de bandas pintadas, exterior e interiormente, de coloração castanho-avermelhadas (M.M.A., n.º 256). 2 Bordo de ânfora (M.M.A., n.º 4076). Ambos os recipientes são de imitação fenícia, de cerâmica fina a média, castanho-clara. (Desenhos de B.L. FERREIRA)

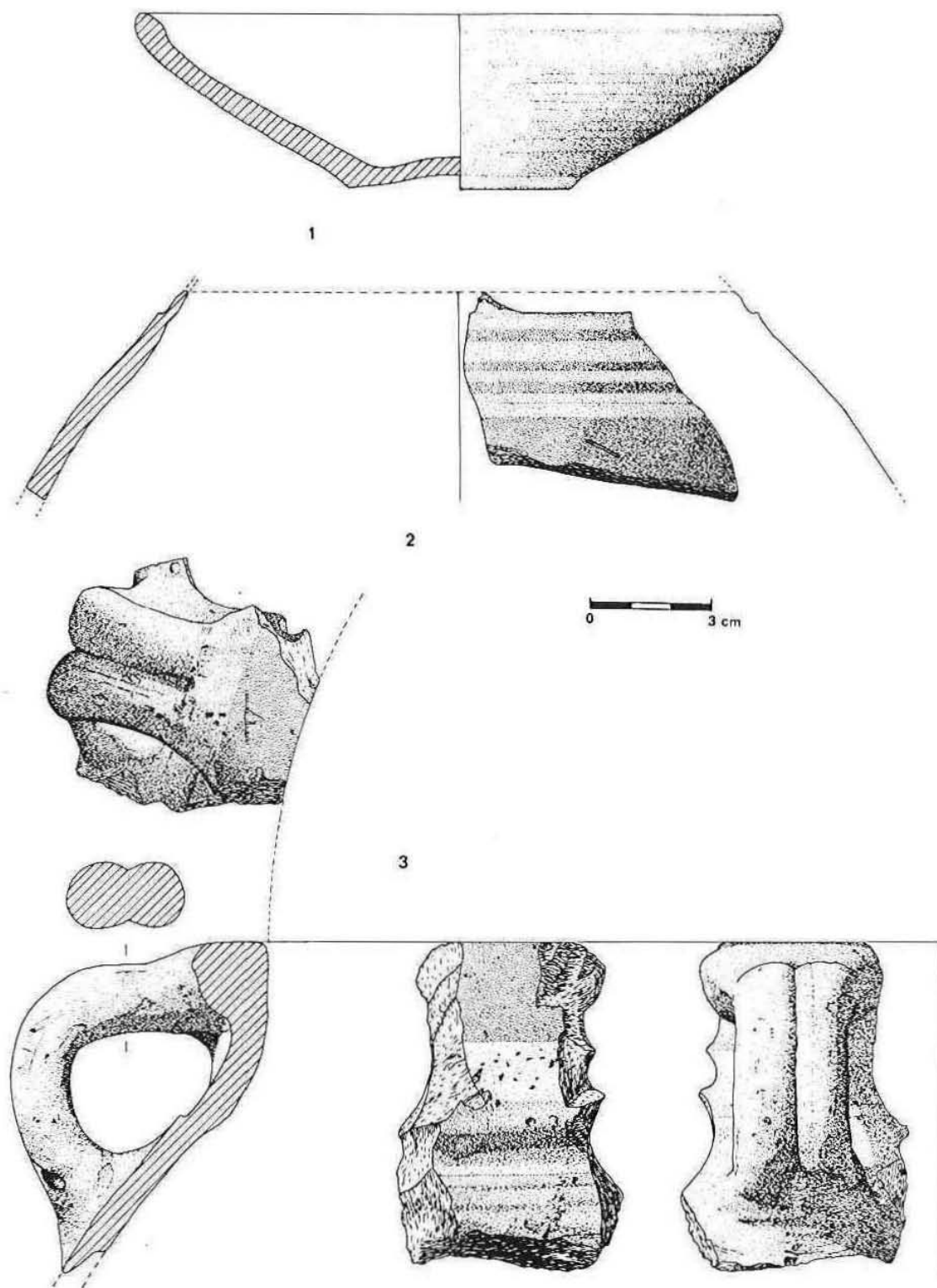


FIG. 7. Quinta do Almaraz (Almada). 1 Taça de cerâmica cinzenta (M.M.A, n.º 4219). 2 Bojo de vaso com decoração de bandas pintadas esbranquiçadas (M.M.A., n.º 4217). 3 Asa de ânfora com o lábio e a face interna do bordo decoradas por bandas pintadas avermelhadas (M.M.A., n.º 4398). Recipientes de imitação fenícia. (Desenhos de B.L. FERREIRA)



FIG. 8. Outurela I. Vista da implantação do arqueossítio, em encosta de declive suave voltada a Sul.  
(Foto J.L. CARDOSO)

parável à da ocupação mais antiga da área urbana de Setúbal e do Castelo de Alcácer do Sal, correspondendo, assim, provavelmente, à da difusão dos primeiros produtos fenícios no litoral ocidental<sup>1</sup>.

A profusão e qualidade das imitações, superior à dos originais fenícios: ânforas (FIG. 6, n.º 2 e FIG. 7, n.º 3); taças de cerâmica cinzenta (FIG. 5, n.º 1 e FIG. 7, n.º 1) e cerâmica pintada de bandas, em geral vermelho-acastanhadas (FIG. 6, n.º 1 e FIG. 7, n.º 2), atestam a pujança da economia destas populações ribeirinhas, e a vitalidade das suas trocas comerciais.

Não se trata, evidentemente, de um estabelecimento fenício: até ao presente, segundo Schubart (1982), não se identificou nenhuma colónia fenícia a Ocidente de Cádiz. Porém, estabelecimentos houve, situados ao longo da costa

---

<sup>1</sup> Pratos de verniz vermelho fenícios ou de imitação identificaram-se a Sul do Tejo, em Setúbal (Silva e Soares 1986); Castelo de Alcácer do Sal (Silva et al. 1980-81); Necrópole do Galeado, Vila Nova de Milfontes (Beirão e Gomes 1983); Cerro da Rocha Branca, Silves (Gomes et al. 1986); a Norte do Tejo, Santa Olaia (Rocha 1908) e Conímbriga (Alarcão et al. 1976) foram os únicos locais compulsados.

portuguesa, cujas características de implantação, sempre sobre colinas isoladas dominando importantes vias fluviais em estreita ligação com o oceano, por vezes fortificadas — Castro Marim, Monte Molião (Lagos), Alvor e Rocha Branca (Silves), no litoral Sul; Alcácer do Sal, Setúbal e Santa Olaia (Figueira da Foz), no litoral Ocidental — a par da presença de materiais importados, denotam terem funcionado como entrepostos comerciais, no decurso do século VII a.C., estreitamente ligados ao mundo fenício. A ser assim, teríamos desfasamento de cerca de 150 anos, relativamente às ocupações fenícias mais antigas do litoral levantino da Península. Aos sítios mencionados, soma-se, agora, o da Quinta do Almaraz, cuja situação geomorfológica, os



FIG. 9. Vista parcial da área escavada em Outurela I, evinciando-se muro rectilíneo constituído por blocos basálticos não aparelhados nem argamassados. De ambos os lados deste, derrubes de antigas construções. (Foto J.L. CARDOSO)

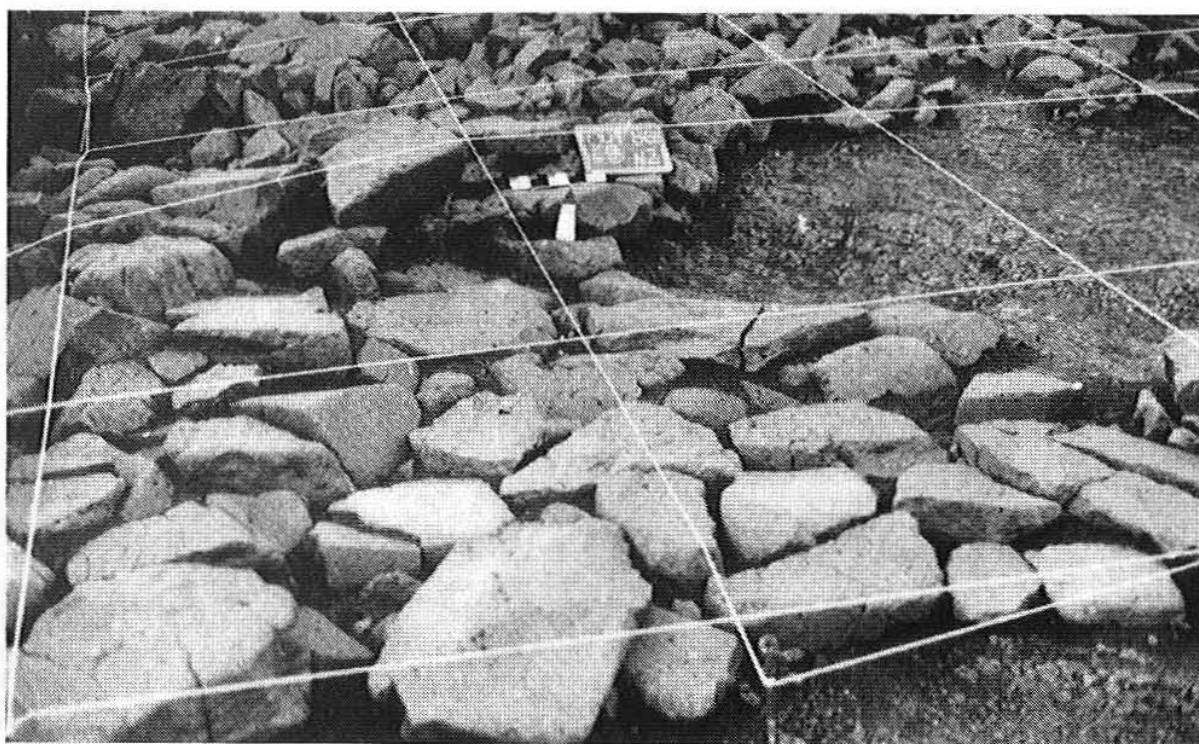


FIG. 10. Vista parcial da área escavada na jazida da Outurela I. Em primeiro plano, lajeado de blocos basálticos. (Foto J.L. CARDOSO)



FIG. 11. Outurela I. Acumulação de fragmentos cerâmicos pertencentes a vários recipientes. (Foto J.L. CARDOSO)

materiais encontrados e a presença possível de amuralhados, levam a integrá-lo no mesmo grupo daqueles.

Na margem norte do Estuário do Tejo, novos e importantes elementos foram recolhidos nas escavações de emergência de dois arqueossítios distanciados de cerca de 500 m, dirigidas pelo signatário com a colaboração de Miguel Rego — Outurela I e Outurela II, no concelho de Oeiras (FIGS. 8 a 11)

As estruturas postas a descoberto correspondem a pequenas habitações de planta rectangular de pedra seca, situadas em encostas voltadas para Sul e o estuário; a base essencial de subsistência teria sido a agricultura, complementada pelo pastoreio, não se diferenciando, assim, da economia que caracterizava as populações antecedentes na ocupação do mesmo território, no Bronze Final.

Os materiais recolhidos, sobretudo uma fíbula anular proveniente de Outurela I indicam o século V a.C., de acordo, aliás, com a cronologia atribuída a jazida situada mais no interior da Península de Lisboa, a dos Moínhos da Atalaia (Amadora), que forneceu espólio muito idêntico (Pinto e Parreira 1977). Alguns elementos cerâmicos ocorrem, agora, com insistência, como a cerâmica cinzenta fina (FIG. 12, n.º 1), por vezes de brilho metálico (FIG. 12, n.º 2), com paralelos noutras estações portuguesas, enquanto outros faltam completamente, destacando-se, entre estes, as cerâmicas de verniz vermelho, ou são muito raros, como a cerâmica pintada de bandas. Todos os materiais recolhidos são, outrossim, de fabrico local ou regional (FIG. 13 e FIG. 14).

Face ao atrás exposto, parece lícito supor que num primeiro momento da chegada de influências fenícias, por volta do século VII, teriam sido ocupados, preferencialmente, os pontos altos do território sobranceiro ao estuário, eventualmente em continuidade com as populações (que seriam as mesmas) que neles estavam instaladas desde o Bronze Final. Constitui exemplo até agora único na área do Estuário do Tejo (abstraindo os achados pouco conhecidos da zona da Sé de Lisboa), a estação da Quinta do Almaraz, em Almada. Em plataforma extensa fixou-se, por certo, numerosa população, intensamente dedicada às actividades comerciais.

Num segundo momento, ao longo dos séculos VI e, sobretudo, V a.C., ter-se-ia, então, processado a ocupação efectiva de todo o território ribeirinho ao estuário, sobretudo o situado a norte, que para tal oferecia condições mais favoráveis (solos agrícolas de classe A), através de pequenas unidades de carácter essencialmente agrícola. A ausência de materiais verdadeiramente importados, de origem fenícia, pode ser explicada pela crise que abalou o mundo fenício nos séculos VI e V, responsável pelo colapso dos contactos

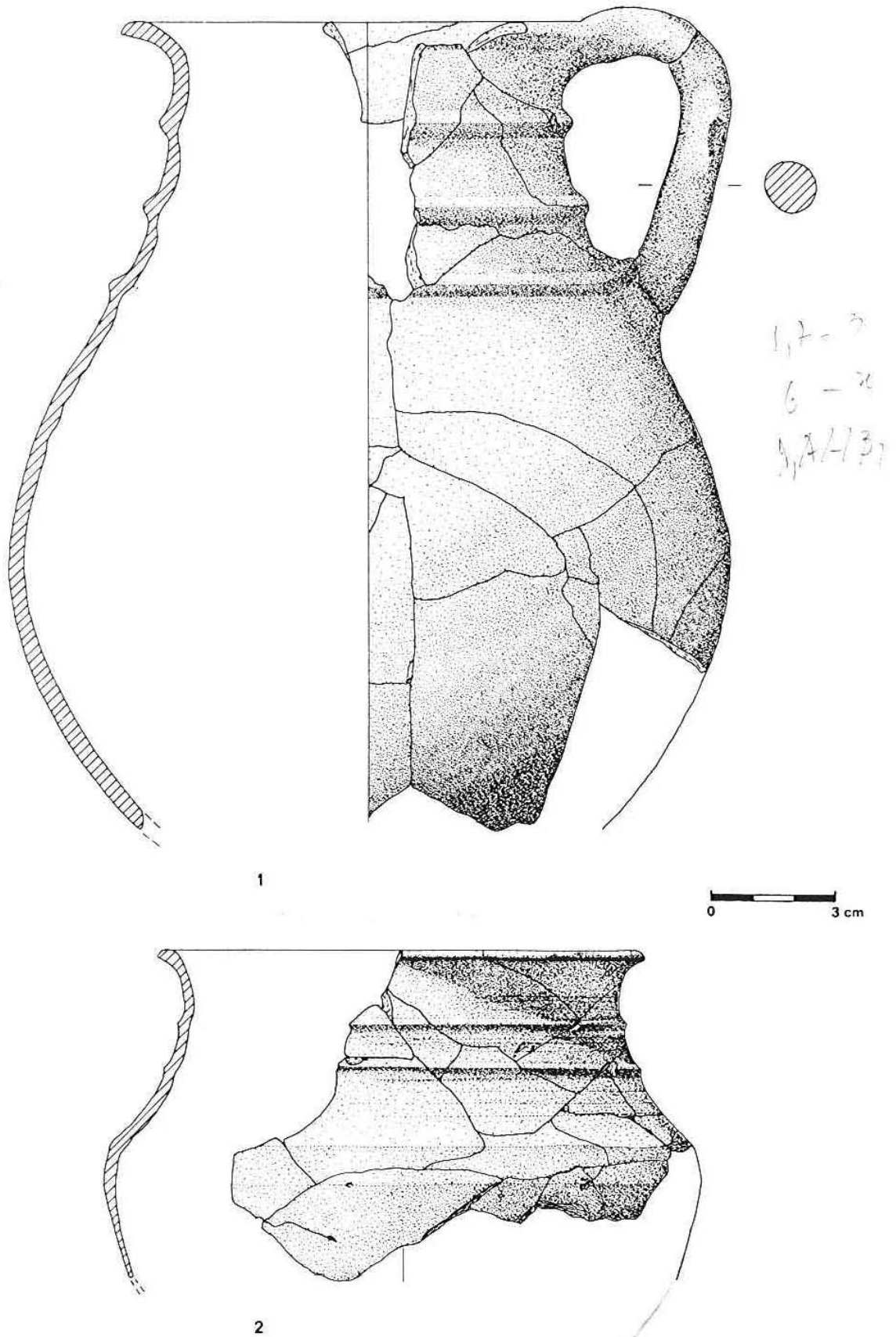


FIG. 12. Materiais cerâmicos de fabrico local ou regional de Outurela I (cerâmica cinzenta fina). 1 Jarro. 2 Vaso de brilho metálico obtido por brunimento. (Desenhos de B.L. FERREIRA)

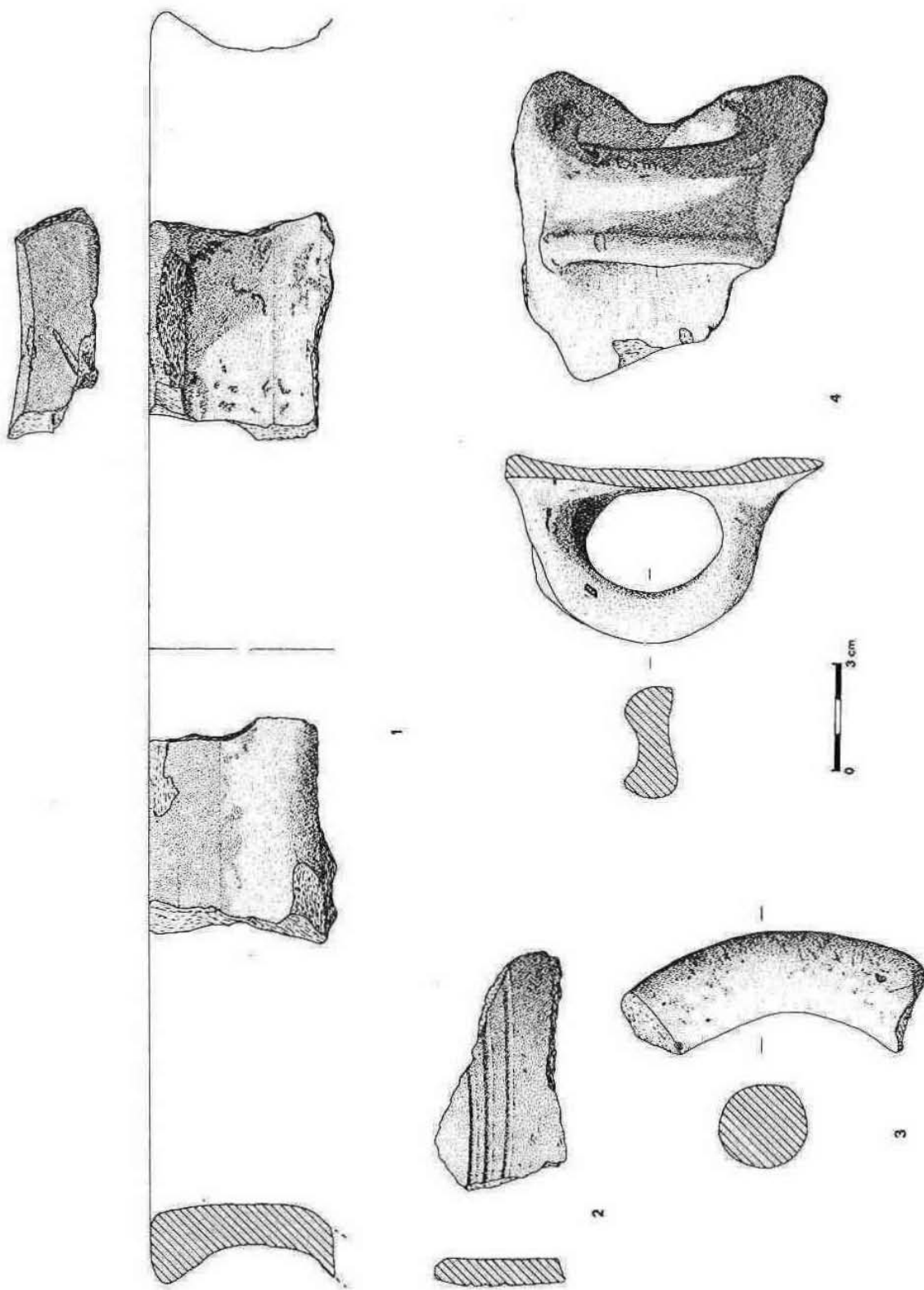


FIG. 13. Cerâmica comum e de imitação fenícia de Outurela I e II. 1 Bordo de ânfora com o lábio e a face interna do bordo com decoração de bandas pintadas avermelhadas, semelhante ao exemplar da Fig. 7, n.º 3. Cerâmica fina alaranjada. 2 Fragmento de vaso de pasta anegrada grosseira com decoração incisa. Cerâmica comum. Outurela II. (Desenhos de B. L. FERREIRA)

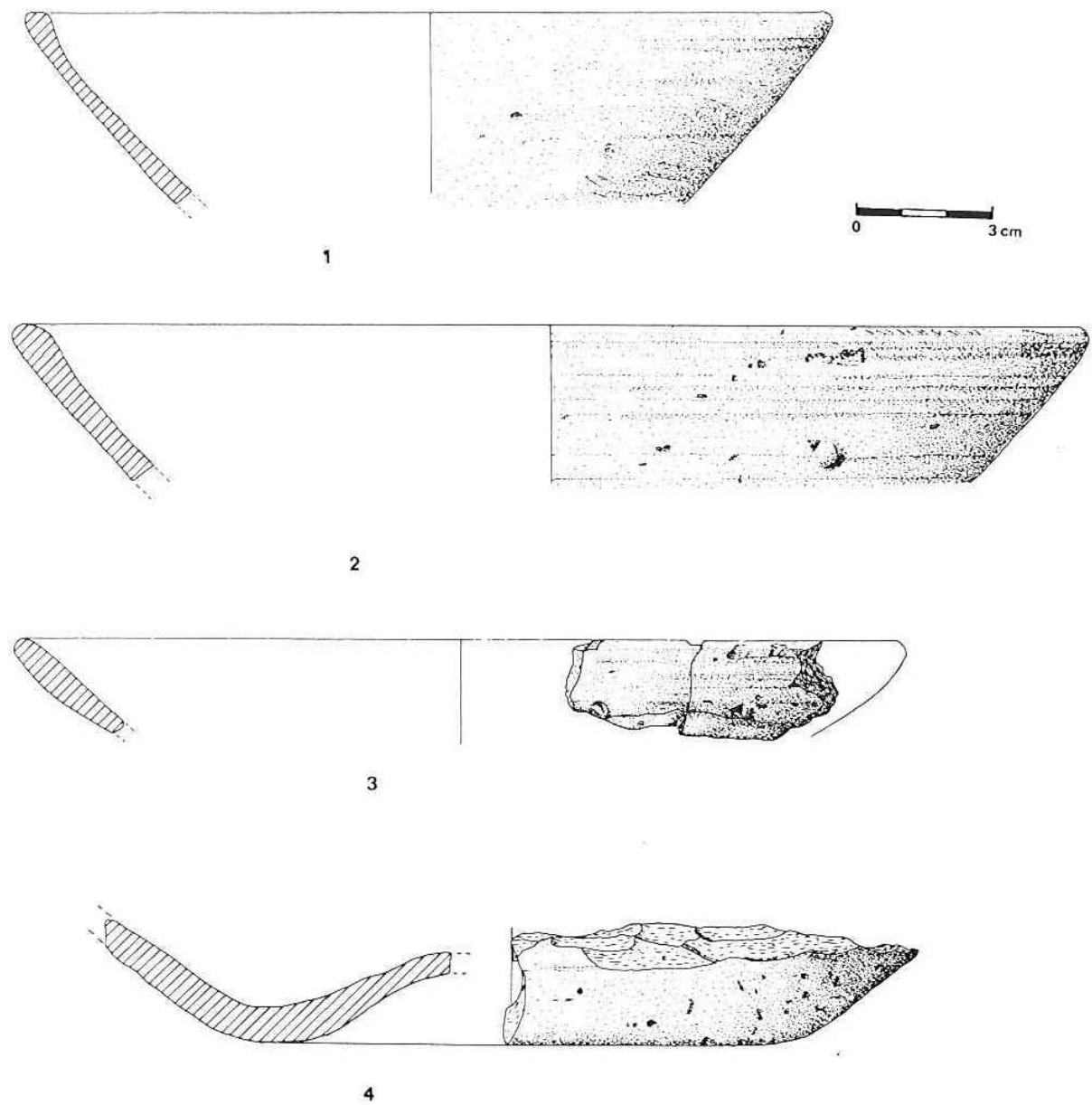


FIG. 14. Cerâmica comum e de imitação fenícia de Outurela I e II. 1 a 3 Taças de cerâmica cinzenta (1 e 2 de Outurela II; 3 de Outurela I). 4 Fundo de recipiente de cerâmica comum de Outurela II, de pasta grosseira castanho-anegrada. (Desenhos de B.L. FERREIRA)

com o Oriente. Retomou-se a estratégia de povoamento que caracterizava a mesma região no Bronze Final, a menos que esta nunca tivesse sido completamente abandonada. Com efeito, aceitamos que as transformações decorrentes da introdução de novos produtos e de novas tecnologias, ligadas ao uso da roda e ao fabrico de objectos de ferro, foram rapidamente apreendidas e massivamente copiadas, não tendo, por conseguinte, gerado grandes sobressaltos no modelo de sociedade definido desde o Bronze Final. Trata-se, finalmente, de um excelente exemplo de aculturação, réplica afastada da Cultura de Tartessos, justamente considerada por M. Almagro-Gorbea (1968), como o exemplo mais puro de aculturação fenícia de toda a bacia mediterrânica.

Resta-me agradecer a todas as pessoas que estiveram na origem deste trabalho e o tornaram possível. Ao Senhor Professor António Augusto Tavares, pelo amável convite em participar neste Colóquio; ao Arq. Mário Varela Gomes pelas informações recebidas; ao Dr. Luís Barros, do Museu Municipal de Almada, pela cedência dos materiais, ainda inéditos, recolhidos na Quinta do Almaraz, bem como do respectivo relatório da escavação; finalmente, ao Doutor H. Schubart, do Instituto Arqueológico Alemão (Delegação de Madrid), pela valiosa contribuição que deu a este trabalho ao analisar e classificar parte do material agora estudado.

### Bibliografia

- ALARCÃO, J., DELGADO, M., MAYET, F., ALARCÃO, A.M. e PONTE, S. da 1976 — *Fouilles de Conimbriga. VI - Céramiques diverses et verres*, Paris, E. de Boccard.
- ALMAGRO-GORBEA, M. 1988 — *Les Phéniciens et Tartessos*, in: *Dossiers Histoire et Archéologie*, n.º 132.
- AUBET-SEMMLER, M.E. 1988 — *Les Phéniciens sur le littoral méditerranéen andalou*, in: *Dossiers Histoire et Archéologie*, n.º 132.
- BARROS, L. 1989 — *A Estação da Quinta do Almaraz*. Folheto da Exposição «Cinco anos de Escavações Arqueológicas», Museu Municipal de Almada.
- BEIRÃO, C.M. e GOMES, M.V. 1983 — *A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes)*, «O Arqueólogo Português», Série IV, vol. 1.
- CARDOSO, J.L., ROQUE, J., PEIXOTO, F. e FREITAS, F. 1980-81 — *Descoberta da jazida da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda*, «Setúbal Arqueológica», vol. 6-7.
- CARDOSO, J.L., RODRIGUES, J.S., MONJARDINO, J. e CARREIRA, J.R. 1986 — *A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda*, «Lisboa - Revista Municipal», Série II, n.º 15.
- GOMES, M.V., GOMES, R.V. e BEIRÃO, C.M. 1986 — *O Cerro da Rocha Branca (Silves). Resultados preliminares de três campanhas de escavações*, in: *Actas do IV Congresso do Algarve*, vol. I, Lisboa.
- MARQUES, G. e ANDRADE, G.M. 1974 — *Aspectos da Proto-história do território português. 1 - Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro)*, in: *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. 1, Porto.
- PARREIRA, R. 1983 — *O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980*, «O Arqueólogo Português», Série IV, vol. 1.
- PINTO, C.V. e PARREIRA, R. 1977 — *Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a Norte do Estuário do Tejo*, in: *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, vol. 1, Lisboa.
- ROCHA, M.S. 1908 — *Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira*, «Portugalia», vol. 2, fasc. 3-4..
- SCHUBART, H. 1982 — *Asentamientos fenicios en la costa meridional de la Península Ibérica*, «Huelva Arqueológica», vol. 6.
- SILVA, C.T. da e SOARES, J. 1978 — *Uma jazida do Bronze Final na Cerradinha (Lagoa de Santo André, Santiago do Cacém)*, «Setúbal Arqueológica», vol. 4.
- SILVA, C.T. da e SOARES, J. 1986 — *Arqueologia da Arrábida*, Lisboa, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- SILVA, C.T. da, SOARES, J., BEIRÃO, C.M., DIAS, L.F. e COELHO-SOARES, A. 1980-81 — *Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979)*, «Setúbal Arqueológica», vol. 6-7.
- SOARES, J. e SILVA C.T. da, 1986 — *Ocupação pré-romana de Setúbal: escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. I Encontro de Arqueologia Urbana (Setúbal, 1985)*, «Trabalhos de Arqueologia», n.º 3.